

a filosofia da religião em dostoiévski: o cristianismo e os irmãos karamázov

Godoy, Mateus José Atalaia

Orientador: Ferreira, Fabio Lustosa

RESUMO

Fiódor Dostoiévski tem como uma de suas principais obras “Os Irmãos Karamázov” e é através dela que estudiosos têm compreensão da visão do autor russo e de sua relação com relação ao cristianismo, Deus, a sociedade marginalizada pelo livre-arbítrio e o peso da existência. Ele exhibe toda essa complexidade em um poema escrito por Ivan e narrado para o seu irmão Aliêksei chamado O Grande Inquisidor, que em muito se reflete nos próprios personagens da trama e suas dores particulares. Através deste artigo é mostrada uma pesquisa na obra e nas falas de estudiosos encontradas em entrevistas. A pesquisa torna claro como Dostoiévski explica a razão para o sofrimento e como isso poderia se tornar positivo, através de uma visão religiosa cristã. Para Dostoiévski, a dor era uma forma do ser humano encontrar a sabedoria para se tornar uma pessoa melhor, sendo o apego às boas lembranças e ao amor cristão uma maneira de diminuir o sofrimento.

Palavras chave: Dostoiévski, cristianismo, sofrimento.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo dissequei a obra *Os Irmãos Karamázov*, do escritor Fiódor Dostoiévski, com o foco principal nos personagens Dmitri, Ivan, Aliêksei e Smerdiakóv, protagonistas da história. A escolha por este específico trabalho do autor se deu por conta do mesmo ser o romance em que Dostoiévski mais exprime suas ideias sobre o cristianismo, ponto esse que deu origem à um questionamento muito citado: “Se Deus não existe, tudo é permitido?”.

Apesar desta pergunta não ter surgido com tamanha simplicidade, ela permeia todas as obras de Dostoiévski, mas é discutida explicitamente apenas durante o debate entre Ivan e Aliêksei.

Se existe um Deus, por que ele permite o sofrimento da humanidade? Esse talvez seja um dos maiores questionamentos feitos ao cristianismo que alfineta a vida até mesmo dos fiéis, e com Dostoiévski isso não seria diferente. Como ele poderia explicar, por meio dos protagonistas de seu último livro, o motivo do sofrimento?

O objetivo principal do artigo era analisar a visão do cristianismo de Dostoiévski com os personagens principais da obra “*Os Irmãos Karamázov*”, bem como dissecar as questões postas durante a conversa entre Ivan e Aliêksei, principalmente a relativa sobre o que aconteceria se Deus não existisse. De forma mais específica, veremos qual é o motivo para o sofrimento perante a visão cristã que o romancista russo tinha, tendo como ponto relevante o poema “*O Grande Inquisidor*”, escrito pelo personagem Ivan Karamázov.

Dostoiévski inspirou uma grande horta de pensadores consagrados na época clássica, mas, sendo um autor tão complexo em suas obras, é importante ter uma análise metódica de seus escritos.

2. O SOFRIMENTO NA OBRA “OS IRMAOS KARAMAZOV”

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski foi um dos maiores romancistas russos do século XIX. Nascido em Moscou, em 1821, foi criado pelo seu pai, um homem bastante frio e ríspido, após a morte de sua mãe quando ele era ainda muito novo. Foi preso em 1849 e condenado à morte por participar de reuniões revolucionárias, salvo nos últimos momentos antes da execução, mudando sua pena para trabalhos forçados na Sibéria, o que influenciou em todos os seus escritos e na mentalidade cristã que levou para as suas histórias. Suas obras de cunho psicológico com personagens à beira do desequilíbrio mental e questionamentos ferrenhos assombram até os seres do século XXI com títulos como “Crime e Castigo”, “O Idiota”, “Memórias do Subsolo” além de diversos contos e novelas. Foi inspiração para grandes nomes como Nietzsche, que teria lido suas obras para desenvolver seu super-homem e Sigmund Freud, que desenvolveu um artigo só para ele chamado “Dostoiévski e o Parricídio” onde considerou Os Irmãos Karamázov “o mais notável romance jamais escrito”.

O romance foi escrito entre os anos de 1879 e 1880 e foi o seu último em uma extensa carreira literária. A história se passa na Rússia, focado nos quatro irmãos Karamázov e suas diferentes e conflitantes personalidades em meio a uma trama que mistura drama policial, filosofia e romance psicológico em páginas com diálogos densos e cenas que beiram a comicidade. Seus diários mostram que o autor pretendia escrever um segundo volume da obra, ação essa que não conseguiu concretizar. A história mostra questões que já haviam permeado por toda obra de Dostoiévski em suas quase mil páginas, indagações essas que em muito se relacionam com o cristianismo e o sofrimento humano.

De uma forma inusitada, Dostoiévski usa o seu narrador, disfarçado como um biógrafo da complexa família Karamázov, a ver muito além das aparências. O narrador é cheio de incertezas, e, como citado por Marcio Fonseca Pereira, doutorado em teoria literária: “...a incerteza é a marca de sua narração. Entretanto, é da incerteza que

Dostoiévski cria a grande força da história”¹. Através dele podemos entender que Fiódor não está se tratando apenas da história de simples quatro personagens e suas relações com o pai, mas sim um reflexo moral da humanidade em si. Mais à frente Pereira continua:

*atentando para a complexidade do caráter não só de um Karamázov (indivíduo pervertido e supostamente estranho), mas do caráter humano em geral. Assim surge no romance um dos primeiros alertas para o autoquestionamento, que será ao longo de toda a narrativa “imposto” aos personagens através do confronto de ideias.*²

Vemos os quatro irmãos Karamázov, sendo o último um bastardo: Dmitri, Ivan, Aliêksei e Smerdiakóv, filhos do beberrão e festeiro Fiódor Pávlovitch, a própria serpente do jardim do Éden na visão de mundo religiosa-ocidental. Tendo seus quatro filhos com três mulheres diferentes, Fiódor seria a representação da história da humanidade saída do útero do pecado, uma imagem da “promiscuidade humana”.

Dmitri, o primogênito, é a semelhança do pai, desenvolvendo os meus gostos boêmios que ele, Ivan um estudioso ateu, Aliêksei, uma alma cristã boa e caridosa e Smerdiakóv, o bastardo menosprezado até mesmo pelo pai e pelos irmãos são o claro conceito do livre-arbítrio, frutos de um mesmo homem (apesar de mães diferentes), os quatro mostram personalidades completamente divergentes que em toda a extensão da trama se convergem em discussões complexas que pesam na mente humana de qualquer indivíduo. O filósofo Nikolai Berdiáev constata, citado por Elena Vássina:

*No seu livro “A visão do mundo de Dostoiévski”, o filósofo russo Nikolai Berdiáev apontou que todos os pensamentos de Dostoiévski sobre o ser humano levavam ao problema da liberdade, às vias de sua realização no mundo, à questão da liberdade do homem de fazer sua escolha e das consequências dessa escolha. Na criação de Dostoiévski existe um único tema — o trágico destino do homem, a liberdade do destino do homem. O amor é somente um dos momentos nesse destino.*³(VÁSSINA, Elena, 2016, entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos)

¹ GARRAFA. Revista literária, número 24, 2014.

² PEREIRA, Marcio Fonseca. Revista Garrafa. Número 24, p. 23.

³ VÁSSINA, Elena. Entrevista ao Instituto Humanitas. Porto Alegre: Unisinos, 2016

Não apenas do livre-arbítrio da humanidade, os quatro irmãos também se mostram uma representação do próprio Dostoiévski, levando cada parte ao extremo. Vemos Dmitri representando os problemas com jogos de azar pelo qual o autor passou no decorrer de sua vida, também contamos com Aliêksei e Ivan, opostos que se questionam a todo momento, algo no qual Fiódor sempre empregou em suas histórias.

Aliêksei, um grande cristão que procura servir ao bem e a moral e a espalhar o amor ao mundo e Ivan, um niilista estudioso e bastante sagaz. Vemos que nas contestações de ambos, os argumentos dos irmãos se inflam para dar lucidez ao sentido do sofrimento no mundo e para encorpar as teorias bíblicas. Podemos observar, portando, que Dostoiévski, mesmo com sua admiração ao cristianismo, não se rendia a dogmas e endossava sua fé com contra-argumentos formados por seus personagens. Por fim temos Smerdiakóv, um epilético (assim como Dostoiévski) trapaceiro, que dá fim a própria vida com a culpa de ter matado Fiódor Karamázov, onde podemos traçar um paralelo da culpa que o autor sentia ao desejar a morte de seu pai, um homem extremamente áspero que foi morto pelos seus próprios servos.

Podemos ver nesses quatro personagens o pecado, a virtuosidade, condenação e benção. Smerdiakóv se suicida pelo peso do remorso de seu homicídio e Dmitri é condenado injustamente pela morte do pai à trabalhos na Sibéria. Portanto, Dmitri é condenado, porém, vale ressaltar, seria uma condenação moralista por desejar a morte do pai e pela sua vida boêmia, em uma espécie de purgatório no mundo terreno. A punição infernal seria pesada sobre a vida de Smerdiakóv, que se viu tão abalado emocionalmente que encontrou sua redenção com uma corda enrolada em seu pescoço, um ato de catarse para o próprio arrependimento que o autor sentia.

A culpa também cai sobre os ombros de Ivan Karamázov, que em sua última conversa com seu irmão mais novo descobre que o mesmo havia feito tal ato por conta da crença de Ivan de que se Deus não existisse, tudo seria permitido. Em um delírio perto das últimas partes do livro, Ivan vê o próprio diabo em sua frente, zombando de suas crenças. Por fim temos Aliêksei, um homem bom que se enfiou na angústia por conta de seus irmãos, porém, sempre procurou ver o lado positivo de toda situação. Então é notório os quatro tipos de condenação: a física, emocional, psicológica e

existencial, esta última sendo a que até mesmo os mais devotos devem carregar, no decorrer de sua vida, pois a dor e o sofrimento podem trazer um crescimento pessoal e moral, como afirma a especialista em história da literatura, Liudmila Saráskina: “Dostoiévski acreditava que o indivíduo se conhecia melhor em estado limite do que na vida cotidiana” .⁴

Conseguimos assim traçar dois duplos: Dmitri (inocente) e Smerdiakóv (culpado), Ivan (ateu) e Aliêksei (fiel). Ambos, culpado e inocente, recebem a punição. Smerdiakóv aceita seu peso no ato do suicídio. Dmitri dá sinais de planejar uma fuga nas últimas páginas da história. Ivan tenta fugir do sofrimento, já Aliêksei sabe os benefícios da dor e a aceita. Um consta no mundo físico dos tribunais e do suicídio, já o outro percorre a realidade mental das discussões e do delírio, dois planos que se costumam nas páginas de “Os Irmãos Karamázov”.

Assim como se tem a presença da serpente no decorrer de toda a história representado pela a imagem do pai Karamázov, observa-se seu oposto no personagem quase messiânico do bondoso mestre Zózimo. Liudmila Saráskina aponta sobre ele que: “(mestre Zózimo) É uma imagem coletiva. Os monges de Optina mais a imagem ficcional do ideal de um cristão”⁵, onde Dostoiévski o tinha como herói, já que “Dostoiévski era cristão ortodoxo e professava um grande amor por Cristo” .

Logo temos mais um caso de duplos na história, Smerdiakóv e Ivan são observadores dos dois caminhos tomados pelos outros irmãos Karamázov. Ivan não possui uma essência ruim e não se torna semelhante ao seu pai, está sempre a se questionar sobre a humanidade e a constatar o que está acontecendo. Assim como Smerdiakóv que faz o seu grande ato apenas nas partes finais.

Já Dmitri e Aliêksei são a clara imagem dos caminhos que tomaram, e isso se mostra evidente através de suas falas. Dmitri afirma: “Eu sempre gostei de becos, de recantos desertos e escuros, atrás da praça – lá estão as aventuras, as surpresas, lá estão as pepitas no lodo.”⁶ Dmitri é um ser que ama o que há de mais podre e “imoral”, um seguidor nato de seu pai, apesar de tê-lo detestado até mesmo depois da morte

⁴ Disponível em:

https://br.rbth.com/arte/2013/11/11/especialista_responde_a_perguntas_sobre_fiodor_dostoiievski_22731

⁵ https://br.rbth.com/arte/2013/11/11/especialista_responde_a_perguntas_sobre_fiodor_dostoiievski_22731

⁶ DOSTOIÉVSKI. F. Os irmãos Karamazov. V:1. S.P.: Editora 34, 2017. P. 210.

dele pelas mãos de Smerdiakóv, o filho bastardo . Aliêksei, um seguidor do mestre Zózimo durante toda trama exala o amor cristão nas páginas do livro, incluindo na última onde discursa para as crianças no sepultamento de Iliúchetchka :

Sabei que não há nada mais elevado, nem mais forte, nem mais saudável, nem doravante mais útil para a vida que uma boa lembrança, sobretudo aquela trazida ainda na infância, da casa paterna. Muitos vos falam de vossa educação, mas uma lembrança maravilhosa, sagrada, conservada desde a infância, pode ser a melhor educação. Se o homem traz consigo muitas destas lembranças para sua vida, está salvo pelo resto da existência.(DOSTOIÉVSKI,F. op. Cit. pág. 996).

Contudo, o que seria do bondoso Aliêksei Karamázov e sua cristandade sem as constantes refutações de seu irmão Ivan contra sua crença na existência de um Deus bondoso? Em uma de suas conversas mais extensas, o personagem Ivan Karamázov afirma:

E o homem realmente inventou Deus. E o estranho, o surpreendente não seria o fato de Deus realmente existir; o que, porém, surpreende é que essa ideia – a ideia da necessidade de Deus – possa ter subido à cabeça de um animal tão selvagem e perverso como o homem.(DOSTOIÉVSKI,F. op. Cit. pág.323).

Aliêksei entende que o sofrimento traz o crescimento para o ser humano. Para Aliêksei, para amenizar a dor existencial, afirma que era necessário se agarrar as lembranças positivas da vida, amar a vida acima de tudo e encontrar um sentido nela, como podemos ver no seguinte trecho, em que Aliêksei diz para o seu irmão Ivan "Amar a vida acima de tudo" e que a outra parte seria encontrar o sentido da vida.

Nas discussões entre os dois há uma forma de crença no cristianismo saudável dentro de Dostoiévski, onde se vai além de simples dogmas religiosos para levar seus personagens à condições brutais para questionar a bondade de Deus num campo extremamente sorrateiro, regado à dúvidas e incertezas puramente humanas, tanto que notamos algumas das dúvidas do próprio autor incrustadas nos seus personagens que impõe ela sobre os homens que se mostram como “o símbolo da moral”. Os contra-argumentos contra sua própria fé foram tão bem estruturados que muitos já acreditaram que Dostoiévski era ateu, mas como constata a professora de Literatura Russa da Universidade de São Paulo, Elena Vássina:

Logo depois de ter cumprido a pena de quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria, no início de 1854, Dostoiévski escreve a carta à sua amiga e “correspondente espiritual” Natália Fonvíninam, confessando que, apesar de ser “um filho do século da falta de fé e de dúvidas”, ele compôs para si “o símbolo da fé no qual tudo está claro e sagrado. Esse símbolo é muito simples: acreditar que não há nada mais belo, mais profundo, mais simpático, mais racional, mais corajoso e perfeito do que Cristo, e não só não há, como eu ainda afirmo com um amor cioso que não pode haver. Além disso, se alguém provasse que Cristo está fora da verdade e se realmente a verdade estivesse fora de Cristo, eu gostaria mais de ficar com Cristo do que com a verdade.” (VÁSSINA, Elena., entrevista ao Instituto Humanitas: Unisinos, 2016).

Apesar de acreditar em um Deus, Dostoiévski não acreditava na bondade do ser humano pelo motivo do mesmo estar sob toda a dor existencial e de punição, deixando-o vulnerável para a quebra de valores morais como visto em seus diversos personagens, como o ato do homicídio, da ganância e da prepotência, formando um ciclo de ódio que afunda toda a sociedade em um lamaçal de pecados. Como dito anteriormente, o sofrimento pode gerar engrandecimento pessoal, porém, apenas sofrer não garante o ato do amadurecimento, como visto no personagem Smerdiakóv, que amargurado pelo assassinato do pai cometido por ele, acaba por colocar um ponto final em sua própria vida.

Um dos trechos que expõe essa visão de Dostoiévski se encontra na fala de Ivan Karamázov:

De fato, às vezes se fala da crueldade ‘bestial’ do homem, mas isso é terrivelmente injusto e ofensivo para com os animais: a fera nunca pode ser tão cruel como o homem, tão artisticamente, tão esteticamente cruel. / Acho que se o diabo não existe e, portanto, o homem o criou então o criou à sua imagem e semelhança. (DOSTOIÉVSKI, op. Cit. P. 329-330)

Muitos acreditam que Ivan é a imagem contrária à edificação cristã, assim como muitos acreditam que o Diabo é apenas um personagem contrário à cristo e não como uma arma a favor do livre-arbítrio. Ambos alimentam um ao outro, se levarmos para o lado da tentação de Jesus no deserto. O sacrifício do Cristo naquela terra árida não seria tão penoso se não fosse pelas ofertas de Lúcifer durante aquele período. Adão e Eva e o restante da humanidade não teria seu livre-arbítrio se não fosse pela oferta da serpente no jardim do Éden. Segundo a Bíblia, o pai da mentira está sempre a nos

rodear, trazendo o sofrimento humano, mas o sofrimento é necessário para o crescimento, portanto, os dois polos precisam um do outro para se manter. Os questionamentos de Ivan para Aliêksei são o que torna a fé do penúltimo irmão Karamázov ainda mais forte, e a fé dele é o que endossa os argumentos de Ivan, assim como Lucifer e Cristo se encontram em uma eterna batalha, que, de fato, estaria a acontecer para os benefícios do desenvolvimento racional do homem.

À frente, abordaremos mais sobre o livre-arbítrio, a relação entre Ivan e Aliêksei Karamázov e o complexo capítulo do Grande Inquisidor.

2. 1 O Grande Inquisidor

O Grande Inquisidor é uma das passagens que fazem de “Os Irmãos Karamázov” uma das maiores obras literárias da história. Desenvolvido no capítulo V do livro V da segunda parte, durante uma conversa entre Ivan e Aliêksei sobre um poema que o primeiro estava planejando escrever, nele Dostoiévski acrescenta pontos importantes sobre a liberdade e a felicidade.

A história se passa na Espanha XVI comandada por um Grande Inquisidor que retirava a liberdade inerente para que todos os humanos pudessem ser felizes ao se abdicarem por completo do peso da escolha. Os hereges eram queimados na fogueira, onde já foram queimados mais de cem de uma vez só num “magnífico auto de fé”, “para a maior glória de Deus”. Neste ínterim, Jesus Cristo volta para a Terra para ver o caminhar da humanidade, não sendo o dia do juízo, mas como uma espécie de checagem. Ele acaba sendo flagrado pelo Grande Inquisidor e preso como um desses hereges.

O Grande Inquisidor então dá início à um longo discurso, culpando o Cristo pelo defeito na humanidade ao atribuir à todos o dom do livre-arbítrio, como pode ser lido no trecho:

Em vez da firme lei antiga, doravante o próprio homem deveria resolver de coração livre o que é o bem e o que é o mal, tendo diante de si apenas a tua imagem como guia – mas será que não pensaste que ele acabaria questionando e renegando até tua imagem e tua verdade se o oprimissem com um fardo tão terrível como o livre-arbítrio? Por fim exclamarão que a verdade não está em ti, pois era impossível

deixá-los mais ansiosos e torturados do que o fizeste quando lhes reservaste tantas preocupações e problemas insolúveis. Assim, tu mesmo lançaste as bases da destruição de teu próprio reino, e não culpes mais ninguém por isso. (DOSTOIÉVSKI, F. op. Cit. pág. 149)

Não apenas a Cristo, todavia, é possível observar no discurso do Grande Inquisidor uma culpa que ele põe em Deus por ter dado a oportunidade à Adão e Eva de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, mesmo os alertando que não deveriam.

Sendo assim, nenhuma criatura do céu, santo, Messias ou o próprio Deus, poderiam ter o poder de julgar os homens, já que foram eles que os deram o pesado fardo do livre-arbítrio, por consequência, a tendência comum de pender para o lado mais imoral. O “Grande Inquisidor” também crítica a “alta cúpula divina” com os seus escolhidos para alcançar os céus, acreditando ser mais bondoso que o próprio Cristo ao oferecer a salvação e a felicidade para todos ao retirar essa liberdade deles.

No entanto, em trechos anteriores, podemos ver que “O Grande Inquisidor” fazia as distinções das pessoas que caminham ao seu lado, sendo eles escravos, auxiliares e a guarda do Santo Ofício enquanto ele mesmo usava roupas comuns de monge, representando uma falsa humildade, e, como já dito, ele queimava hereges. Quem ele considerava como herege e qual era seu conceito de heresia? Certamente o teria tirado da religião cristã, que tem Cristo como Salvador. E daí que vemos a linha paradoxal contida dentro do poema do personagem Ivan. Como, um homem que tem toda sua fé baseada num homem julgar seu próprio Salvador? Podemos então puxar outra pergunta: como um Criador pode julgar a criatura que ele mesmo criou?

À primeira vista, pode-se ficar perplexo com o discurso do “Grande Inquisidor”, com seu tom raivoso e acusatório contra uma entidade santíssima, principalmente quando o homem ameaça queimar o Cristo na fogueira no seguinte trecho:

Não sei quem és e nem quero saber: és Ele ou apenas a semelhança d’Ele, mas amanhã mesmo eu te julgo e te queimo na fogueira como o mais perverso dos hereges, e aquele mesmo povo que hoje te beijou os pés, amanhã, ao meu primeiro sinal, se precipitará a trazer carvão para tua fogueira, sabias? É, é possível que o saibas (DOSTOIÉVSKI, F. op. Cit. pág 400)

Este susto passa para uma sensação de estranheza ao percebermos que “O Grande Inquisidor” está a julgar seu próprio símbolo moral com característica que poderiam ter sido atribuídas à Deus julgando a humanidade. Neste discurso, também podemos nos espelhar na indignação do homem para com a situação do homem diante das escolhas impostas por nossa liberdade, afinal, se foi nos dado a liberdade, sobre alguém iria cair a culpa de ter-nos tornado quem somos perante as situações que a humanidade tem de suportar. Também cairia sobre esse que nos deu a liberdade aqueles que não decidissem adorar o Deus cristão, afinal, esta é uma possibilidade que ocorre abertamente ao nos sujeitarmos a todos os caminhos possíveis, então, como o Salvador poderia fazer os escolhidos no meio das ovelhas, se foi ele quem nos fez apartar um dos outros com toda a amplitude que a liberdade nos oferece?

Conforme o poema de Ivan Karamázov avança, o discurso do “Grande Inquisidor” se torna ainda mais acalorado, e, de certa forma, ele mesmo expõe sua fragilidade ao ver seu poder em risco com a volta do salvador soberano sobre a terra, contudo, não apenas isso, pode se observar em seu discurso uma mágoa guardada durante um longo tempo pelo homem. Isso se torna claro aos olhos do Cristo, ao continuar em silêncio durante toda a fala espinhosa que é jogada contra ele. Ao pisarmos para fora da área da ficção da ficção e voltamos a “Os Irmãos Karamázov” em si. Percebe-se que o Grande Inquisidor é uma imagem de Ivan se confrontando com os valores cristãos diante dele representados pela figura de seu irmão, Aliêksei.

Ivan foi o único de sua família que foi para faculdade, um grande estudioso, não acreditava na existência de Deus. O “Grande Inquisidor” mostra toda a náusea de Ivan ao deparar-se com o mundo sem um significado e todo o vômito de palavras que ele despeja diante do Cristo mostra sua dor existencial ao perceber a falta de sentido em acreditar em um homem que nos julga sendo que ele mesmo nos deu a possibilidade de desviarmos do caminho dele. Tanto é que nas últimas partes da história, O Grande Inquisidor ainda deseja queimá-lo:

Repito que amanhã verás esse rebanho obediente, que ao primeiro sinal que eu fizer passará a arrancar o carvão quente para tua fogueira, na qual vou te queimar porque voltaste para nos atrapalhar. Porque se alguém mereceu nossa fogueira mais do que todos, esse alguém és tu. Amanhã te queimarei. Dixit. (DOSTOIÉVSKI, F. op. Cit. pág 364)

O “Grande Inquisidor” é um ato de catarse para o personagem Ivan para enfim prestar contas para com uma figura em que ele já não se via mais acreditando. Queimar o Cristo seria um ato que para Ivan, o libertaria de toda a moral cristã e o tornaria puramente livre. Também poderia ser visto como uma certa inveja que o personagem sentia de seu irmão por enxergar em Aliêksei a imagem de um escolhido da elite divina. O “Grande Inquisidor” passou por sofrimentos no deserto assim como Jesus, mostrando que a humanidade também sofria, e por isso merecia a misericórdia divina.

Contudo, a reação de seu irmão surpreende, pois Aliêksei vê no poema de Ivan uma homenagem à Jesus, vê uma luz em seu irmão que demonstra que uma parte dele ainda acredita em um Deus, contudo, Ivan Karamázov não quer mais ter essa forma de pensamento e crê que quem não é fiel à Deus também passa pelo sofrimento da existência e por isso recebe o engrandecimento pessoal. O curioso é que Ivan apenas revela o final de seu poema após a reação positiva de seu irmão, já que mandar Jesus à fogueira já se mostrava um final. Após a insistência de Aliêksei, Ivan admite esse final:

– Eu queria terminá-lo assim: quando o inquisidor calou-se, ficou algum tempo aguardando que o prisioneiro lhe respondesse. Para ele era pesado o silêncio do outro. Via como o prisioneiro o escutara o tempo todo com ar convicto e sereno, fitando-o nos olhos e, pelo visto, sem vontade de fazer nenhuma objeção. O velho queria que o outro lhe dissesse alguma coisa ainda que fosse amarga, terrível. Mas de repente ele se aproxima do velho em silêncio e calmamente lhe beija a exangue boca de noventa anos. Eis toda a resposta. O velho estremece. Algo estremece na comissura de seus lábios; ele vai à porta, abre-a e diz ao outro: “Vai e não volte mais... Não voltes em hipótese nenhuma... nunca, nunca!”. E o deixa sair para as “ruas largas e escuras da urbe”. O prisioneiro vai embora.

– E o velho?

– O beijo lhe arde no coração, mas o velho continua fiel às suas ideias. (DOSTOIÉVSKI, F. op cit. pág 431)

O “Grande Inquisidor” e Jesus no fundo não eram assim tão diferentes, porém, enquanto um atacava com ódio, o último respondia com amor, e por isso lhe era a responsabilidade de julgar, o que era um reflexo para a relação dos dois irmãos. O amor de Aliêksei lhe arde no coração, todavia, Ivan se manteve fiel às suas ideias,

assim como Aliêksei, e por isso não podiam viver assim tão próximos um do outro, mas nem por isso tentavam se destruir, pois da dor podiam ver uma luz de sabedoria entre eles.

3 METODOLOGIA

Para a formação deste artigo científico foi necessário um minucioso trabalho de pesquisa utilizando duas edições do livro Os Irmão Karamázov sendo elas as edições da Editora 34, pois a tradução é feita diretamente do russo e realizada pelo tradutor Paulo Bezerra, porém.

Também foram utilizados falas de grandes estudiosos da literatura, filosofia e das obras de Dostoiévski, sendo eles Elena Nikolaevna Vássina, pesquisadora e professora russa, formada na Faculdade de Letras da Universidade Estatal de Moscou Lomonóssov (MGU), Marcio Fonseca Pereira, doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ- 2013) e Liudmila Saráskina doutora em filologia, historiadora da literatura, estudiosa da vida e obra de Fiódor Dostoiévski, argumentos esses usados para complementar o estudo feito através da obra Os Irmãos Karamázov para criar o artigo.

Toda a pesquisa foi construída através dos próprios trechos dos escritos de Dostoiévski e pesquisadores que dedicaram seus trabalhos para entendê-lo para que assim fosse feito um artigo verossímil com o que o romancista russo desejava passar dentro de suas obras.

A pesquisa tem cunho bibliográfico e contou com o apoio de informações de diversos sites que aparecem nas referências, estes que contam com veracidade que em muito contribuíram para o estudo deste complexo homem e de seus pensamentos em relação a religião cristã.

4. CONCLUSÃO

“Os Irmãos Karamázov” se mostra como um atestado da sociedade até mesmo nos dias atuais, sendo ele objeto de pesquisa de muitos estudiosos para entender como Dostoiévski enxergava o mundo e a si mesmo, sendo a obra referida uma de suas principais, junto a “Crime e Castigo”.

Através do romance podemos notar que com seus personagens, Fiódor Dostoiévski pretendia fazer uma encenação dos caminhos que a humanidade toma, sendo seus representantes quatro irmãos disfuncionais tão diferentes um do outro, lidando com a culpa, condenações, acusações e debates de pensamentos divergentes que refletiam a maneira do autor de engrandecer sua fé fazendo-a ser questionada, sendo tudo isso o fruto do sofrimento, que, para ele, era a maneira do homem se tornar mais sábio.

O poema escrito por Ivan mostra-se por si só de uma profundidade com suas mais de vinte páginas e, de maneira sucinta, é um espelho da relação dele com o Irmão e da “batalha” entre os que acreditam em Deus e os que creem, na visão do romancista.

Para entender mais de sua obra, além da leitura da mesma, consultou-se entrevistas cedidas pelos estudiosos da literatura e da obra de Dostoiévski para blogs e sites, sem também descartar os pensamentos de simples leitores que se aventuram pelas histórias deste grande autor.

Recomenda-se portanto, a leitura dos livros de Fiódor Dostoiévski para entender toda a complexidade da existência humana diante da liberdade causada pelo livre-arbítrio.

REFERÊNCIAS

BARONE, V. L. "Os Irmãos Karamazov" - Fiódor Dostoiévski. **Escrivinhamento**, Campo Grande, jan. 2014. Disponível em: <<http://escrevinhamentos.blogspot.com.br/2014/01/os-irmaos-karamazov-fiodor-dostoiievski.html>> . Acesso em: 26 de nov. 2017.

BATISTA, Érika. Especialista responde a perguntas sobre Fiódor Dostoiévski. **Rússia Beyond**, Moscou, 11 de nov. 2013. Disponível em:<http://gazetarussa.com.br/arte/2013/11/11/especialista_responde_a_perguntas_sobre_fiodor_dostoiievski_22731>. Acesso em: 26 de jul. 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov**. Rio de Janeiro: editora 34, 2017.

JUNGES, Márcia. A presença de Deus nas obras de Dostoiévski. Entrevista especial com Elena Vássina. **Instituto Humanitas Unisinos**, 28 de fev. 2016. Disponível em:<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/550651-a-presenca-de-deus-nas-obras-de-dostoiievski-entrevista-especial-com-elena-vassina>>. Acesso em: 05/08/2016.

LEONARDO, L. **O Grande Inquisidor. Ensaios e Notas**, maio de 2016. Disponível em:< https://ensaiosnotas.com/2016/05/10/o-grande-inquisidor/#_ftnref17>. Acesso em: 26 de nov. 2017.

PEREIRA, M. F. **Os Irmãos Karamázov**: Um Compromisso Entre a Razão e o Sentimento Cristão na Crítica ao Ocidente. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, maio/agosto 2014.